

## **ANÁLISE**

### **Paliativismo não é cura**

**JOSÉ ELI DA VEIGA**  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Para a conservação ecossistêmica, o melhor é que sejam imediatamente banidas as sacolas plásticas.

Só merece aplauso, portanto, a firmeza com que a jovem siciliana Stefania Prestigiacomio, titular do meio ambiente na Itália, luta para evitar que o Conselho de Ministros dilua decisão legislativa bem anterior de interditar a utilização dessa terrível praga a partir do início de 2011.

Todavia, é irrealismo querer que sociedades profundamente antiecológicas como as atuais deixem de sê-lo com tanta sofreguidão.

No processo que poderá levar à sustentabilidade, a ecologia estará necessariamente estrangida a fazer severas concessões a imperativos econômicos, sociais e políticos.

É muito mais traumático inviabilizar repentinamente um forte segmento da indústria petroquímica - sobretudo em termos de rentabilidade, emprego e influência política - do que negociar com todos os agentes envolvidos a progressiva queda da disponibilidade dessas medonhas, mas úteis, sacolas plásticas.

A história das sociedades mercantis mostra que a melhor forma de reduzir o consumo de produtos nocivos é engendrar seu encarecimento mediante taxaço, como ocorreu com os cigarros e as bebidas alcoólicas, por exemplo.

Além de deter o consumo desvairado e alavancar benéfica reconversão de boa parte do aparelho produtivo, a conseqüente arrecadação contribui para que o governo melhore a gestão social dos decorrentes malefícios.

Como no Brasil não há mais margem para elevação da carga tributária, uma nova contribuição fiscal que acabe com as sacolas plásticas menos

biodegradáveis e minimize o uso das alternativas precisará ser compensada pelo fim de impostos antigos que só causam desvantagens competitivas a quase todos os setores produtivos.

Ora, é exatamente esse o sentido das melhores evoluções tributárias das últimas décadas: agravar punições de atividades que prejudicam a conservação dos ecossistemas com simultânea extinção de tributos que dificultam a expansão da oferta de empregos por empreendimentos mais propensos a assumir suas responsabilidades socioambientais.

O sistema tributário é a mais poderosa estrutura institucional de incentivos.

Claro, também podem ser bem eficazes outros tipos de iniciativas locais não tributárias e corporativas que estão pipocando pelo mundo todo.

Assim como são muito bem-vindas campanhas cívicas do tipo da "Saco é um saco", que foi realizada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) com o apoio do Carrefour.

Mas é imperdoável que se crie qualquer confusão entre processo de cura e paliativismo.

---

**JOSÉ ELI DA VEIGA**, 62, professor titular de economia da USP, é autor do livro "Sustentabilidade", (Editora Senac, 2010).  
Internet: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)